



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TAYNÁ DOS SANTOS SOUSA

**MÃE UMA NOVA MULHER: UM OLHAR PSICOLÓGICO VOLTADO PARA AS
MUDANÇAS GERADAS NA VIDA DA MULHER AO ASSUMIR O PAPEL DE MÃE**

Juazeiro do Norte
2021

TAYNÁ DOS SANTOS SOUSA

**MÃE UMA NOVA MULHER: UM OLHAR PSICOLÓGICO VOLTADO PARA AS
MUDANÇAS GERADAS NA VIDA DA MULHER AO ASSUMIR O PAPEL DE MÃE**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino

Juazeiro do Norte
2021

TAYNÁ DOS SANTOS SOUSA

**MÃE UMA NOVA MULHER: UM OLHAR PSICOLOGICO VOLTADO PARA AS
MUDANÇAS GERADAS NA VIDA DA MULHER AO ASSUMIR O PAPEL DE MÃE**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino

Aprovado em: 02/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcus César de Borba Belmino
Orientador

Prof. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva
Avaliadora

Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim
Avaliadora

MÃE UMA NOVA MULHER: UM OLHAR PSICOLOGICO VOLTADO PARA AS MUDANÇAS GERADAS NA VIDA DA MULHER AO ASSUMIR O PAPEL DE MÃE.

Tayna dos Santos Sousa¹
Marcus Cézar Borba Belmino²

RESUMO

Esse artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa acerca da maternidade, que busca entender as mudanças que são geradas ao tornar-se mãe, e o que isso ocasiona na vida das mulheres afim de contribuir com a ciência. Foram entrevistadas três mulheres mães de um único filho, que já passaram pelo puerpério. Para essa pesquisa foi utilizando o método de investigação fenomenológico que se refere a busca pelo fenômeno, esse sendo o sentido que essas mulheres dão as mudanças vivenciadas nessa fase, através dos resultados foi possível identificar como a mãe vivencia o que a maternidade propõe. De modo a identificar que exercer a maternidade é ainda o principal papel na vida das mulheres entrevistadas, e que esse é um dos motivos, para todas as transformações que surgem na vida das mães primarias. Levando em consideração a mulher moderna, que estuda, está inserida no mercado de trabalho e se relaciona ao exercer a maternidade as mudanças fisiológicas não são as únicas que acontecem, essas atividades também tendem a passar por intensas transformações o que indica uma mudança muito mais íntima do que se pode enxergar.

Palavras-chave: Maternidade. Transformações. Papel de mãe.

ABSTRACT

This article is a qualitative research on motherhood, which seeks to understand the changes that are generated when becoming a mother, and what this causes in the lives of women in order to contribute to science. Three women mothers of only one child, who have already been through the puerperium. For this research, the phenomenological investigation method was used, which refers to the search for the phenomenon, this being the sense that these women give the changes experienced in this phase, through the results it was possible to identify how the mother experiences what motherhood proposes. In order to identify that exercising motherhood is still the main role in the lives of most women today, and that this is one of the reasons for all the changes that arise in the lives of primary mothers. Taking into account the modern woman, who studies, works and relates to motherhood, physiological changes are not the only ones that happen, these activities also tend to undergo intense transformations, which indicates a much more intimate change than one can see.

Keywords: Motherhood. Transformations. Mother role.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: tayna_sousa@yahoo.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: marcuscezar@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que muitas mudanças ocorrem na vida da mulher, que opta por ser mãe, devido todo o esforço e tempo que uma criança recém-nascida exige além das transformações físicas e hormonais. Diante desse fato, essa pesquisa discorrerá em cima desse episódio específico da vida de muitas mulheres.

É importante ressaltar que nem sempre a vivência da maternidade se deu da forma que se apresenta nos dias atuais, Emidio e Hashimoto (2008) relata que antes do século XII nem sequer existia esse o conceito de maternidade, nem de qualquer sentimento atrelado a esse momento, era tratado apenas como algo fisiológico próprio da mulher, que a depender de sua classe econômica e social entregava seus filhos para amas de leite, passando anos sem vê-los.

Este estudo tem como objetivo captar as mudanças que ocorrem com a maternidade, buscando entender como as mães primárias vivenciam esse processo, buscar formas de acolhimento adequadas para esse momento da vida dessas mulheres.

É possível identificar ainda, que com o passar dos anos, as mulheres vêm cada vez mais ocupando lugares de destaques na sociedade, sendo geralmente independentes e também provedoras de seu lar. Desse modo notamos um acúmulo de papéis na vida da mulher moderna, onde além de trabalhar fora, ainda se ocupa com os filhos. E que esses não são os únicos papéis que a sociedade cobra delas, que precisam, ser esposas, atender a padrões estéticos, ter uma vida social, etc (GUSMÃO 2014).

Mesmo com o acúmulo de papéis na vida social da mulher, ainda é cobrado que ela exerça a maternidade como na época em que seus únicos papéis eram ser mãe e esposa. O que tende a gerar conflitos nas mães de primeira viagem que ainda precisam trabalhar, cuidar da casa, ter um convívio social (STASEVSKAS, 1999).

Para Stasevskas (1999) a maternidade ainda é o principal papel da mulher na sociedade atual, que é treinada desde a infância com seus brinquedos e brincadeiras, para desempenhar o papel de mãe, constituindo parte importante de sua identidade baseada nessa função. Que muito embora tenham a opção de escolher ser ou não mãe, há ainda uma cobrança social para que se exerça essa função, estando maternidade e feminilidade intimamente ligadas.

Esse trabalho é uma pesquisa fenomenológica que se trata de um método de investigação onde o pesquisador busca captar o significado das coisas através da fala dos participantes, que relatam a vivência dos sujeitos em uma determinada situação, e o sentido que dão para elas, que é o fenômeno (GIL; SILVA, 2015).

2 RECORTE HISTÓRICO SOBRE O PAPEL DE MÃE

O papel de mãe se deu por volta do século XIII, antes desse período a maternidade não era vivenciada como nos dias atuais, não existia a ideia de amor materno. As mulheres tinham pouco contato com os filhos, tendo em vista a não valorização da criança e da mãe, era esperado da mulher fertilidade para que tivessem herdeiros (EMIDIO; HASHIMOTO, 2008).

Assim que as crianças nasciam eram entregues para uma ama, que cuidava dessa criança ate ela conseguir viver em casa junto com a família sem precisar de tantos cuidados. já sendo tratada como adulto, tendo em vista que também ainda não existia a ideia de infância (BADINTER, 1985).

Somente após os ideais libertários e igualitários se instalarem, e os casamentos não serem mais vistos somente como contratos, houve uma mudança na vivência da maternidade assegurada por discursos de médicos e políticos que proferiam que as mulheres precisavam cuidar dos filhos, ocupando-as com os afazeres da casa, onde o centro de poder na família ainda era o homem (MOURA; ARAUJO, 2004).

Nesse período as mulheres que cuidavam de seus filhos tinham mais poder sobre sua família e bens, além de ser atrelado o bem estar da criança aos cuidados da mãe, criando-se o conceito do amor entre mãe e filho, onde o melhor lugar para a criança era considerado ao lado da mãe, sendo esse papel intransferível, e inato das mulheres, justificado pelas condições fisiológicas da gravidez e parto, tornando a mulher “rainha” do seu lar (EMIDIO; HASHIMOTO, 2008).

O papel da mãe foi então sendo traçado e proclamado nas suas funções de amamentação, de cuidado e carinho para com seus filhos e assim a maternidade foi se constituindo e ocupando o espaço de algo agradável e desejável para qualquer mulher (EMIDIO; HASHIMOTO, p. 30 2008).

Tendo visto que a maternidade se transformou em algo característico da mulher, não exercer esse papel era considerado uma anormalidade, patologia ou desvio de conduta gerando uma enorme culpa, por não se adequar a esse contexto social, havendo uma fusão entre maternidade e feminilidade (MOURA; ARAUJO 2004).

Com o passar dos anos e as conquistas femininas na sociedade e com a descoberta do anticoncepcional, e a maior liberdade sexual da mulher, o tornar-se mãe deixou de ser tido como uma obrigação, deixando a mulher livre, teoricamente, para escolher exercer ou não essa função, sendo separado feminilidade de maternidade (EMIDIO; HASHIMOTO, 2008).

Entretanto a maternidade ainda era algo que exigia muito da mulher, tendo em vista que moralmente ela era a única responsável pela criação do filho, enquanto o ideal de paternidade

era trabalhar fora, a mulher seguia impossibilitada de exercer qualquer outra função quando optava por ser mãe (BADINTER, 1980).

Tendo em vista que as mulheres passaram a exercer novos papéis na sociedade, é possível identificar que os casais se reorganizaram, e passaram a planejar quando gerar filhos, nesse momento a gravidez passou a não ser o centro da vida das mulheres. E o homem agora é participante ativo do momento gravídico de sua esposa, e na educação dos filhos. Além da participação de profissionais de saúde que também se envolveram nesse processo (MOURA; ARAUJO 2004).

MATERNIDADE NOS DIAS ATUAIS

Para Stasevskas (1999) na sociedade atual, a maternidade ainda é o principal papel da mulher, que é treinada desde a infância para ser mãe, constituindo parte importante de sua identidade baseada nessa função. Ainda para Stasevskas, o poder de escolha da mulher por ter ou não filhos, nesse momento não ocorre como se desenha em teoria, devido todo o legado cultural, a maternidade e feminilidade ainda andam juntos, entendendo que a mulher estará verdadeiramente realizada quando tiver filhos, passando esse discurso de geração em geração e para toda a sociedade.

Segundo Gusmão (2014) a mulher tende a exercer muitos papéis e todos diferentes, que geram algumas transformações durante a vida, e ainda assim consegue adequar-se a todas as funções que opta por executar. Entretanto, adotar o papel de mãe, é o mais desafiador, devido todas as mudanças físicas e psicológicas que a mulher tende a enfrentar desde a gravidez.

Por mais desafiador que seja vivenciar esse momento, para Santos, Mazzo e Brito (2015) pode ser algo agradável e positivo para algumas mulheres, devido a nova configuração familiar, onde identificam em alguns casos uma maior união da família, e um desenvolvimento pessoal, onde a mulher se depara como responsável e cuidadora desse novo membro fazendo com que ela se enxergue como uma figura de poder, capaz de exercer essa função para aquele novo ser, dentro dessa família.

Para Maldonado (2002) a gravidez é um momento de transformações tanto fisiológicas como psicológicas, podendo gerar uma reavaliação não somente interna, mas nas relações sociais. Sendo um período de crise que não afeta somente a mulher, mas toda a família.

Ana Borges, em sua dissertação, descreve que o significado da maternidade para as mulheres é diferente em muitos aspectos, entretanto todas as participantes relataram sentir-se

responsável por seus filhos desde a gestação. A autora ainda relata poder ser um motivo para o surgimento de sentimentos negativos comuns nesse período, como medo e insegurança não somente nos cuidados com o recém-nascido, mas por sentir-se a principal responsável por aquele novo indivíduo durante toda a vida (BORGES, 2005).

Como retrata Badinter, embora a maternidade seja cercada por ideias de felicidade, amor e realização, há um outro lado geralmente socialmente ignorado, que é feito de “esgotamento, de frustração, de solidão e até mesmo de alienação com seu cortejo de culpabilidade.” (BADINTER 2011, p. 21)

Para Cunha é comum que transformações, principalmente psicológicas, ocorram após o parto, por conta das alterações hormonais que são inerentes a reabilitação do corpo podendo desencadear diversos sentimentos, como medo, ansiedade e tristeza, que podem vir a ser agravados por questões sociais (CUNHA et al., 2012)

Transformações vivenciadas na gravidez e puerpério

A gestação é um período de mudanças principalmente físicas, embora seja algo fisiológico, as mulheres grávidas precisam estar constantemente fazendo exames e frequentando consultas, e as alterações hormonais acabam por influenciar o comportamento. As mudanças vivenciadas pelas mulheres mesmo as físicas, não são iguais para todas as mulheres (BRASIL, 2020).

Para Silva e Botti (2005) no estado puerperal a mulher é tomada ainda pôr o sentimento de incapacidade, buscando reações no bebê como forma de reconhecimento por seus cuidados, além de demandar da aprovação de outras pessoas.

Também nesse estado pós-parto a mulher ainda se depara com um cenário onde suas necessidades são voltadas para satisfazer e manter o bem estar do bebê, diferente da gravidez, onde sua rede de apoio buscava manter o seu bem estar. Além de compartilhar ainda uma linguagem totalmente emocional com o bebê (BRASIL, 2006).

“Nos períodos iniciais após o parto, a relação mãe-filho não está ainda bem elaborada, portando não se deve concentrar as atenções voltadas apenas à criança. Pelo risco que isso seja interpretado como desprezo às suas ansiedades e ou queixas” (BRASIL, p.178, 2001).

As alterações emocionais que merecem uma atenção maior que mais ocorrem durante o puerpério são basicamente o *baby blues*, descrito mais a baixo, a depressão que pode surgir

desde a gravidez, o luto pela perda do corpo gravídico, e não ter o corpo de antes da gravidez de volta (BRASIL, 2006).

Desses sendo o mais frequente o baby blues, seguido pela depressão, como destaca o Manual técnico de Pré-Natal e Puerpério desenvolvido pelo Ministério da Saúde.

Baby blues: mais frequente, acometendo de 50 a 70% das puérperas. É definido como estado depressivo mais brando, transitório, que aparece em geral no terceiro dia do pós-parto e tem duração aproximada de duas semanas. Caracteriza-se por fragilidade, hiper emotividade, alterações do humor, falta de confiança em si própria, sentimentos de incapacidade;

depressão: menos frequente, manifestando-se em 10 a 15% das puérperas, e os sintomas associados incluem perturbação do apetite, do sono, decréscimo de energia, sentimento de desvalia ou culpa excessiva, pensamentos recorrentes de morte e ideação suicida, sentimento de inadequação e rejeição ao bebê. (BRASIL, p. 38, 2006)

Nesse momento é preciso que profissionais capacitados continuem a acompanhar a puérpera, observando de forma integral. Pois é um período de intensas transformações em todas as áreas da vida, trazendo uma fragilidade maior a mulher que pode desenvolver de grande apatia à sintomas de psicose, que precisam ser reconhecidos e tratados o quanto antes (BRASIL, 2001).

Ainda nesse período além das transformações físicas e emocionais há transformações profissionais, muitas mulheres que trabalham com carteira assinada e contribui com o INSS, podem optar por se utilizarem da licença maternidade que está prevista pela lei 8.213, podendo se dedicar somente ao bebê tendo seu salário preservado, se ausentando do trabalho durante 120 dias, podendo dar início até 28 dias antes do nascimento da criança, entretanto o pai da criança tem somente 5 dias de licença assegurados pela mesma lei. (BRASIL, 1991).

METODOLOGIA

O método utilizado para realizar a pesquisa é o fenomenológico, segundo Gil e Silva (2015) foi criado a partir da filosofia, buscando captar as experiencias. Segundo Garnica (1997), o primeiro passo para desenvolver esse tipo de pesquisa é definir o fenômeno a ser estudado e tematizar para que somente depois busque extrair das entrevistas o que se apresenta sobre esse fenômeno, que seria sua essência.

O objetivo do passo seguinte dessa pesquisa é buscar sua essência ou estrutura, que se manifesta nas descrições ou discursos de sujeitos. O pesquisador busca apreender aspectos do fenômeno por meio do que dele dizem outros sujeitos com os quais vive, interrogando-os de modo a focar seu fenômeno. Quando os outros descrevem aspectos do fenômeno, eles os descrevem como os percebem, no desejo de comunicar essas suas percepções. A descrição pressupõe uma audiência que não conhece o descrito

mesmo quando já exista entre pesquisador e pesquisado uma primeira aproximação, pois é sempre certa a impossibilidade de comunicação plena da experiência subjetiva (Garnica, 1997 p. 6).

A pesquisa qualitativa tem como seu principal instrumento os dados coletados e o pesquisador, esses dados são descritivos, sendo um ponto extremamente importante, sendo o passo mais importante da pesquisa a coleta e análise de dados e não o resultado que esses irão apresentar (Lucky e André 1986, apud Garnica 1997).

Nesse método será rastreado o que aparecer nos discursos dos entrevistados que irão descrever como veem e vivem o fenômeno. É de extrema importância que o pesquisador se dispça de quaisquer preconceitos para que a análise seja fidedigna ao fenômeno como ele é, sem interferência alguma do pesquisador (GUARNICA, 1997)

Em levantamento de dados, Decastro e Gomes (2001) conclui que o número de artigos publicados que utilizam o método fenomenológico tem crescido nos últimos anos, e que isso se dá pois o método exige uma escuta acolhedora, além de que as entrevistas nunca serão utilizadas de forma crítica sendo um método de investigação de vivências subjetiva.

O ponto de partida para a realização das entrevistas fez-se necessário o uso de documentos, como os termos de consentimento livre e esclarecido, autorização do uso de voz e imagem, e consentimento pós-esclarecido. Todos assinados pela pesquisadora e as participantes. Além da submissão do projeto ao comitê de ética.

Foram realizadas entrevistas virtualmente, com três mulheres, sendo elas com idade de entre 22 e 26 anos, mães de uma única criança, trabalham, e já passaram o período de puerpério. O aplicativo usado foi o google meet, e ficaram gravadas para melhor análise e transcrição das falas, além de preservar os dados.

Para dar início a entrevista foi explicado a cada participante o intuito da pesquisa, apresentando o tema e feito as mesmas perguntas disparadoras para todas as participantes. Partindo da primeira resposta direcionar a entrevista para que cumprisse o seu objetivo. A pergunta disparadora em questão foi: Como você enxerga a maternidade? Seguida de: Como tem sido para você vivenciar essa experiencia, tendo em vista os outros setores da vida, trabalho, estudos, relacionamento conjugal, familiar?

Foi utilizado o método Giorgi, conhecido como um método de investigação em psicologia, que consiste em analisar os fenômenos da forma que ele aparece na consciência das entrevistadas (GIORGI; SOUSA, 2010).

Seguindo o passo a passo que o método pede, foram transcritas as entrevistas exatamente como ocorreu, em seguida foi realizado a leitura dos dados para que fosse possível e identificar as unidades de significados, que não são soltas, mas definidas pelo pesquisador.

No terceiro passo, foi agrupado, as unidades de significados em quatro temas que apareceram nas falas. No quarto passo foi utilizado as unidades de significado para descrever a estrutura psicológica presente nas falas das participantes.

A revisão de literatura para complementar a pesquisa foi realizada pelos bancos de dados scielo e Google acadêmico, extraindo o material que estiver de acordo com a temática desse estudo, selecionando as mais recentes publicações encontradas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistadas, três mulheres, mães de um único filho,

A entrevistada 1, tem 24 anos é mãe de um menino de 6 anos, atualmente solteira e trabalha em um supermercado, mora com os pais, um irmão e o filho.

A entrevistada 2 tem 25 anos é mãe de um menino de 7 anos, atualmente casada, o companheiro não é o pai do seu filho, trabalha como advogada em um escritório em sociedade com o seu pai, mora com o esposo e o filho.

A entrevistada 3, tem 22 anos é mãe de uma menina de 2 anos, atualmente trabalha em um supermercado, namora, o companheiro não é pai da filha, mora com a mãe e a filha.

Partindo da leitura e análise das entrevistas foram produzidas quatro categorias, que são: visão acerca da maternidade, vínculo afetivo mãe-filho, mudanças geradas após maternidade e acúmulo de papeis. É preciso ressaltar que nesse estudo os dados colhidos são apresentados de forma subjetiva, respeitando o tema.

4.1 Visão acerca da maternidade: altruísmo

Das três mulheres entrevistadas, é possível identificar nas falas de todas as participantes que a maternidade acontece de forma altruísta, onde há uma doação que muitas vezes significa, para as mães, renúncias dos seus próprios desejos em prol do bem estar do outro, sem esperar nada em troca e que essas ações são aprendidas. Como é visível isso nesses trechos da fala da entrevista 1 e da entrevista 3.

“Maternidade para mim é renúncia, já que eu fui mãe muito cedo, também aprendizado, muito. Muito mesmo principalmente quando se fala em amor.” (ENTREVISTADA 1).

“Maternidade para mim, é ser forte. É ser muito forte. É você abdicar de seus sonhos, abdicar de sua vida literalmente em prol de outra pessoa, pelo amor incondicional que você tem” (ENTREVISTADA 3)

Para Strepasson e Nadel (2010) a maternidade é um período de aprendizado não somente para a nova mãe, mas para toda família que se submete a vivenciar esse momento. Entretanto relata que para a mulher mãe tem um peso ainda maior devido não somente as mudanças fisiológicas, mas também cobranças sociais.

As entrevistadas ainda retratam que nesse processo obtiveram mais aprendizados sobre doação e faz comparações sobre os sentimentos que surgiram após o nascimento do filho, concluindo que a maternidade para elas é uma doação intensa e única.

“foi mais aprendizado também teve dificuldades, mais também teve aprendizado. Eu aprendi sobre amor, sobre cuidado, sobre empatia. Sobre colocar as necessidades do outro em primeiro lugar. Eu acho que é basicamente isso a maternidade” (ENTREVISTADA 1)

Já a segunda entrevistada, entende a maternidade como algo natural na vida da mulher, e traz em seu discurso que viver esse momento foi para ela algo de grande importância, utiliza termos enfáticos sobre a relevância de ser mãe na vida da mulher.

Maternidade é algo grandioso na vida de uma mulher, no meu caso uma instituição, um laço afetivo que eu não me veria sem, em algum momento da vida eu teria que ser mãe. Não só nesse momento, mas em outros momentos, por que é um amor indispensável na vida da mulher, que deseja ser mãe ne? (ENTREVISTADA 2).

“Ocorreu de forma natural, que eu deixei fluir naturalmente” (ENTREVISTADA 2).

É possível identificar nessas falas, que a maternidade, se desenvolve com o pensamento da visão tradicional. Onde a maternidade é atrelada a mulher de forma instintiva e biológica e muitas vezes romantizada pela sociedade (STASEVSKAS, 1999).

Entretanto, em seguida a segunda entrevistada coloca em seu discurso conhecer uma polaridade entre a vida da mulher e a vida da mãe, dizendo que a nova realidade exige uma postura diferente dela como mãe. Discurso que também é identificado nesse pedaço da entrevista de outra mãe.

“É uma vivencia de muito amor, mas as vezes é um pouco complicada. Com as novas fases e novas etapas, inclusive para mim que fui mãe muito nova. E desde que meu filho nasceu eu venho aprendendo a ser mãe na verdade, tento desempenhar o meu melhor” (ENTREVISTADA 3).

“Só que eu como mãe muitas vezes preciso me colocar na realidade de mãe, que é diferente de uma pessoa que não tem filhos” (ENTREVISTADA 2).

A maternidade é muito ampla sabe? E não é que ela mude a gente, mas deixa a gente enxergar melhor as coisas, sabe? Por que você não está vivendo mais só por você, é você e uma pessoa que depende de você pra tudo você vai viver e você tem que ser o espelho daquele ser humano, é assim que eu enxergo a maternidade (ENTREVISTADA 3).

Segundo Badinter (2011), de fato há essa diferença entre os desejos da mulher e os deveres de mãe, que muitas vezes estão atrelados ao conceito de dedicação onde a mulher tende a se abster dos seus desejos, para realizar os deveres, como visto nos relatos acima o bem estar do filho é visto como responsabilidade da mãe, que acaba tornando-se também seu desejo.

3.2 Vínculo afetivo mãe-filho:

A segunda entrevistada trás em suas falas o que ela coloca como desafios, de lidar com cada fase que a criança passa sendo preciso se moldar para atender as necessidades do filho enquanto ele cresce, relata ser desafiador, entretanto, bem recompensada pelo amor que diz haver nessa relação.

“Eu era muito focada na maternidade, em amamentar, dar o aleitamento correto, nos horários corretos. Não conseguia deixar ele sozinho, com uma babá sem alguém da família por perto” (ENTREVISTADA 2)

O mesmo pode se observar nesse pedaço da entrevista

“ninguém cuida do seu filho como você, e para uma mãe isso machuca muito porque você não pode cuidar do seu filho como gostaria porque está em busca do melhor para ele” (ENTREVISTADA 3)

Badinter (1985), coloca que a mulher tende a sentir um certo prazer por satisfazer as necessidades do filho, após o século XVIII o reconhecimento de que o carinho e os cuidados da mãe são indispensáveis para o bem estar do bebê, além de coloca-la como uma figura de poder. A autora ainda afirma que o vínculo depende apenas da mulher mesmo sendo uma cumplicidade entre os dois.

A fala da entrevista três mostra uma culpa por deixar o filho sob cuidados de outra pessoa, tendo em vista a ideia implantada socialmente e trazida por Badinter (1985) de que os cuidados da criança tanto físicos como educacionais são dever exclusivo da mãe ideia justificada pela fisiologia.

Isso dói para mim, mas é uma visão que eu tenho também, porque não sou só eu que passa por isso sabe, conheço várias pessoas porque eu tenho muitas amigas que tem filhos, o quanto se sentem incomodadas, o quando não se sentem seguras, por sair ou ir estudar, ou trabalhar e deixar seu filho com qualquer outra pessoa (ENTREVISTADA 3).

Ainda sobre esse trecho é possível identificar o que Badinter (2011) chama conflito entre os desejos de mulher e os deveres de mãe. Onde as mulheres que optam por realizar outras atividades além da maternidade, são carregadas pela culpa de fugir do ideal materno implantado no século passado. Como colocado na entrevista, há um desconforto em deixar a filha para ir trabalhar, mesmo sendo uma atividade precisa, para manter a criança.

Na fala da entrevista 1 é possível identificar essa realização pessoal da mãe presente no bem estar do filho.

Eu jamais iria conseguir expressar o amor que eu sinto hoje pelo meu filho, por qualquer outra pessoa. Não conseguiria mensurar a forma que eu amo meu filho. Cuidado também, eu acho que nunca teria cuidado com ninguém no mundo que não fosse meu filho, tipo comparando. Não seria o mesmo cuidado. É você pensar, não que seja assim: há eu não me amo. Não! Mas as necessidades de seu filho tá em primeiro lugar, se seu filho tá bem, você tá bem (ENTREVISTADA 1).

Nas últimas linhas dessa fala aparece o que Gutman (2015), chama de fusão emocional onde as mães sentem como se fossem suas cada sentimento do bebê, havendo uma espécie de união dos sentimentos. Tende a acontecer nos primeiros anos de vida da criança, onde mães e filhos compartilham o mesmo campo emocional, não sendo cabível separa-los.

O conceito de fusão emocional ainda é ligado ao sentido de autodescoberta, onde a mãe ira se redescobrir, entrando em contado com sentimentos e assuntos que não estavam em evidencia na sua vida, sendo colocada como uma experiencia transformadora como vista em vários trechos das entrevistas já citado acima (GUTMAN, 2015).

3.3 Mudanças geradas pela maternidade

As falas das mães entrevistadas apontam para a dimensão da transformação que acontece ao vivenciar a maternidade, como é possível identificar nos trechos das entrevistas, as mudanças ocorreram inevitavelmente em torno de vários setores na vida das mulheres, tornando a maternidade um grande divisor de águas.

Para Gutman (2015), a mulher ao torna-se mãe e vivenciar a experiência da fusão emocional, precisa reformular sua identidade emocional, transformando suas formas de pensar e consequentemente de agir no mundo.

Dos setores mais comentados foi o convívio social onde todas as mães entrevistadas relataram, precisar se adequar a novos ambientes por conta dos filhos, fazendo um novo ciclo de amizade. Como visto nesses trechos das entrevistas.

Mudança extrema. Principalmente nas amizades. Eu que se eu tive amizade antes de J. G. acho que eu me recordo de pessoas tipo assim posso contar nos dedos das duas mãos não chega nem a ser 10 pessoas. Pessoas que estavam comigo tipo na infância basicamente familiares (ENTREVISTADA 1).

Então quando você é mãe, você procura se adequar ao que é melhor para o seu filho, por exemplo não posso sair e levar meu filho para qualquer lugar. Ai como você perguntou acaba mudando um pouco o convívio social, que interfere um pouco nas amizades que costumo querer próximo do meu filho somente quem vá agregar algum valor. Hoje em dia costumo me relacionar mais com pessoas que também tem filhos, para que eu possa levar ele para brincar (ENTREVISTADA 2)

Em relação a amizades, minha roda de amigos mudou muito por que hoje eu vivencio com amigas mães por que uma ajuda a outra, dá conselhos, e é isso que eu estava precisando, porque por mais que tivesse a família, o pai da minha filha também é muito presente, porem a gente se sente também muito só (ENTREVISTADA 3)

O ser humano tende a buscar relações que vão de acordo com os momentos que estão vivendo, logo, mães vão se aproximar de outras mães. Para as mulheres entrevistadas é notório como essa transformação ocorreu na vida delas, embora seja uma mudança que aconteceu nas vidas das três mães entrevistadas não há fala de dor ou sacrifício, o que aparece quando falam em transformações em outros setores (SOUZA; HUTZ, 2018)

No trecho da entrevista 3 ainda é possível identificar o quanto o convívio social com outras mães, serve de suporte que muitas vezes não é encontrado em outras relações tornando a maternidade uma instituição, onde há uma visão generalizada sobre as mulheres que exercem esse papel.

“Eu tenho para mim que ser mãe, é ser uma coisa só, todas as mães são um ser só para mim, eu sei que o que me machuca, machuca minha irmã por ela ser mãe e ter que trabalhar e deixar sua filha sozinha, para buscar o melhor para ela” (ENTREVISTADA 3)

Nas entrevistas as mulheres ainda relatam mudanças em relação a vida profissional, que também é tida para Gutman (2013) como um dos aspectos que trazem realização pessoal a maioria das mulheres modernas, é visto em uma fala da entrevista 3 como é impactante lidar

com essa realidade, tendo em vista que para exercer a maternidade essa mulher precisou deixar os estudos do ensino superior de lado, tendo em vista as dificuldades encontradas.

“Então assim maternidade chegou para mim alastrando tudo, sabe? Porque eu tinha um sonho em me formar em farmácia eu estava começando ir em busca desse sonho, por que eu ia embora da minha cidade ia para João Pessoa começar meus estudos lá, e aí foi quando veio a notícia da gravidez, então eu tive que mudar todos os meus planos. Eu tive que anular meus estudos, deixar para depois, não dá um adeus para esse sonho. Mas deixar de lado. Eu fui viver outro sonho” (ENTREVISTADA 3).

“Sobre trabalho, para trabalhar é muito difícil, quando eu tive ela. Que ela completou 5 meses e decidi que estava na hora de eu tentar começar minha vida de novo, de tentar trabalhar até para trazer o melhor para ela”. (ENTREVISTADA 3)

A entrevistada 2 relata os desafios de estudar e ser mãe e que conciliar esses dois foi o momento como o mais difícil para ela.

“Acabava saindo da sala para amamentar, e meus horários de estudos acabam sendo nos horários em que ele dormia, o que já estava cansada e muitas vezes não conseguia. Então foi bem complicado, muitas vezes pensei que não conseguiria terminar meus estudos, mas graças a deus deu certo” (ENTREVISTADA 2).

Conciliar a maternidade ideal com trabalho ou estudos não se sustenta, visto que a mãe precisa muitas vezes terceirizar funções de cuidado com a criança para que possa exercer o papel de profissional ou estudante, o que tende a gerar uma série de sentimentos ruins nas mães, que como aparece nesse trecho da entrevista, tendem a justificar a ausência de suas casas com a ideia de dar o melhor para a criança, em termos financeiros (ESTRELA; MACHADO; CASTRO 2018).

Indo de acordo com o pensamento de Behar (2018) dependendo do momento da vida em que as mulheres assumem o papel de mãe as transformações não são somente internas, mais se propagam ao meio em que estão inseridas.

Desse modo foi possível ainda ver nas falas que as mudanças que ocorreram na área dos relacionamentos amorosos também se deram de forma brusca, tendo em vista que as mães, quando feitas a entrevista, não mantêm vínculos afetivos com os pais biológicos da criança, entretanto falam ter o apoio na criação.

No aspecto relacionamento amoroso surgiu na fala de uma das entrevistas, uma inquietação dela para com a relação do filho com o atual esposo.

O meu relacionamento com meu esposo, no início a expressão que eu uso foi pisando em ovos, porque eu tinha todo o cuidado, do meu marido brigar com meu filho, observava muito, pois algumas vezes sentia que não era a forma correta. E isso gerava discursões entre nós. O que hoje conseguimos superar (ENTREVISTADA 2).

Já as outras não relataram dificuldades para se relacionar com outras pessoas, mas uma delas trouxe em seu discurso que o relacionamento dela com o pai da criança antes de ter filho era um pouco conturbado, entretanto havia entendimento, quando o filho nasceu e foi preciso se dividir entre mãe e esposa esse relacionamento se desgastou a ponto de acabar.

“O meu relacionamento com o pai dele. Antes de J. G. eu vivia um romance todo mundo sabe, com o pai dele. Era idas e vindas, mas tinha amor, assim como tinha ódio, como tinha muito ciúmes, como tinha muito tudo” (ENTREVISTADA 1).

O relacionamento mudou bastante. Bastante mesmo. Eu passei a conhecer um lado principalmente do pai dele que eu não conhecia. Eu só conhecia amor, afeto, carinho e tal. E quando eu transferi o que sentia o cuidado, o afeto, para ele, eu vi quem realmente era o pai dele entendeu? (ENTREVISTADA 1).

Kreutz (2001) que nos primeiros meses de vida do bebê o vínculo afetivo com o parceiro pode se fragilizar, pois a mulher está vivendo a maternidade de forma mais intensa além da mudança corporal e a impossibilidade de manter relação sexual.

A segunda e terceira entrevistada não colocaram mudanças no seio familiar, entretanto a primeira diz ter tido problemas com o pai quando rompeu o relacionamento com o parceiro e precisou voltar para casa. Mas como é visível no trecho já havia problemas passados que podem ter contribuído para essa ruptura.

Atualmente eu não falo com meu pai, a mais de ano já, remorso de anos, só que são coisas que eu lidei muito bem, até o ponto que envolveu meu filho. Que ele falou coisas pesadas que envolveu meu filho, ele disse: eu não tenho obrigação de sustentar seu filho. Que eu tinha recém separado e voltado para casa. E o fato de ele ter falado do meu filho me feriu muito (ENTREVISTADA 1).

3.4 Acúmulo de papeis

Em duas das entrevistas, surgiram relatos sobre exaustão onde a mãe para dar conta da maternidade e dos outros papeis que desempenha precisa manter um ritmo de atividade constante e sem descanso. Pois a maternidade acontece em tempo integral.

“Para mim pior parte foi conciliar maternidade com estudos. Então precisei de muito esforço. Teve muita exaustão (...)

Dar de conta de casa, porque daí eu passei a ser dona de casa, mãe e esposa”
(ENTREVISTADA 2).

De acordo com Borges (2005) vivenciar a maternidade com os aspectos modernos, é se sobrecarregar de muitas tarefas, mas mantendo ainda a visão da mãe do século XIX, como a única capaz de atender todas as necessidades do filho, mas também atendendo os ideais modernos onde a mulher precisa ser independente financeiramente para que seja bem vista socialmente.

Mesmo havendo as muitas funções que na grande maioria das vezes não interagem entre si, as mulheres aqui citadas tendem a colocar a maternidade como sua principal atividade. Isso é visível em vários trechos de suas falas onde revelam ter aberto mão de muitas coisas, cortado relações para que pudesse criar seus filhos da forma como acham correto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso refletir nesse trabalho, que para a mulher o papel de mãe está em fase de transição, embora teoricamente haja a liberdade de escolha em como irão exercer essa função, a sociedade impõe outras regras embasadas no moralismo, que são propagadas até pelas próprias mães como foi visto algumas vezes nas entrevistas.

É interessante ainda considerar que as mulheres entrevistadas, falam sobre a maternidade de modo geral, utilizando muitas vezes o plural, o que demonstra que na percepção delas estão inseridas em um grupo, ou categoria que pensa, sente e age de forma parecida.

É notório ainda que as mães tendem a vivenciar a experiência da maternidade de forma similar, entretanto com sentidos diferentes. Isso fica claro quando nas entrevistas aparecem os mesmos assuntos com vivências e cargas emocionais diferentes.

As mulheres passam por uma mudança geral quando decidem ser mãe, desde o corpo aos aspectos mais íntimo do ser. É vivido um período de desajuste, tendo em vista a velocidade que essas mudanças ocorrem em todos os setores da vida. O que tende a gerar sofrimento, cansaço, esgotamento e medo, mesmo com todos esses sentimentos essa experiência é tida como algo positivo tendo em vista o que elas chamam de “amor incondicional” que só é sentido ao tornar-se mãe.

Exercer o papel de mãe é de alguma forma tornar-se uma nova mulher. Após vivenciar essa experiência de doação extrema nos primeiros meses de vida do seu bebê, havendo passado

por mudanças em todos os setores da vida, a mulher mesmo voltando a exercer todas as suas atividades de antes da maternidade, já não é mais a mesma.

É perceptível também que as transformações ocorrem no interior da mulher. E que somente depois ela tende a se reorganizar no meio social, sendo, portanto, as transformações nos outros setores, um reflexo do que ocorre em seu interior.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, B. H. B.; BRITO, R. S. **Consulta puerperal: o que leva as mulheres a buscarem essa assistência?** Northeast Network Nursing Journal, v. 13, n. 5, 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4129>. Acesso em: 18 de abr. 2021
- BADINTER, E. (2011). O conflito. A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record.
- BADINTER, E. (1985). Um amor conquistado: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BEHAR, R. C. R. **Maternidade e seus impactos nos papéis ocupacionais de primárias.** LINS, I. L.A. R. 2018. TCC- Terapia ocupacional, UFBP, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12177>
- BORGES, A. **Significações durante a transição para a maternidade: a mulher antes e depois do parto.** Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 173. 2005.
- BRASIL, Lei nº 8.213, Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Art. 71, Brasília 5 de agosto de 1991.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher/ Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica da Mulher. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Gravidez, Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/g/gravidez>
- BRASIL, Ministério da Saúde. Manual Técnico, Pré-natal e Puerpério Atenção Qualificada e Humanizada. Brasília, 2006
- CUNHA, A.B; RICKEN, J.X; LIMA, P., GIL. S., CYRINO, L.A.R. **A Importância do Acompanhamento Psicológico Durante a Gestação em Relação aos Aspectos que Podem Prevenir a Depressão Pós-Parto.** Revista Saúde e Pesquisa, n.5, v.3, p. 578-86, 2012
- COUTINHO, P.L; SARAIVA, R.A. **Depressão pós-parto: considerações teóricas. Estudos e Pesquisas em Psicologia** [em línea]. 2008, 8(3), 759-773[fecha de Consulta 23 de Abril de 2021]. ISSN: . Disponivel em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844627014>
- DECASTRO, T.G; GOMES, W.B. **Aplicações do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências.** Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 28, n. 2, p. 153-161, Junho 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200003&lng=en&nrm=iso . Acesso em 23 de abril . 2021
- EMIDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. **PODER FEMININO E PODER MATERNO: REFLEXÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA E DA MATERNIDADE.** Colloquium Humanarum. ISSN: 1809-8207, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 27–36,

2010. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/289>. Acesso em: 28 abr. 2021

ESTRELA, J. M; MACHADO, M. S; CASTRO, A. **O “SER MÃE”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PAPEL MATERNO DE GESTANTES E PUÉRPERAS**. 2018, Id on line revista multidisciplinar em psicologia. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1450> Acesso em 16 de junho de 2021

GARNICA, A. V. M. **Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia**. Interface (Botucatu), Botucatu , v. 1, n. 1, p. 109-122, Aug. 1997 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32831997000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em 23 de abril 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32831997000200008>.

GIL, A. C; PERNICIO, M. S. **O MÉTODO FENOMENOLÓGICO NA PESQUISA SOBRE EMPREENDEDORISMO NO BRASIL**. Revista de Ciências da Administração [en linea]. 2015, 17(41), 99-113[fecha de Consulta 28 de Abril de 2021]. ISSN: 1516-3865. Disponivel em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273537756008>

GIORGI, A; SOUSA, D. (2010). Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de século.

GUTMAN, L. (2015). **Mulheres visíveis, mães invisíveis**. Best Seller

KIMURA, A. F. **A construção da personagem mãe: considerações teóricas sobre identidade e papel materno**. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 31, n. 2, p. 339-343, Aug. 1997 . disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62341997000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 19 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0080-62341997000200013>

KREUTZ, C. M. (2001). **A experiência da maternidade e a interação mãe-bebê em mães adolescentes e adultas**. Dissertação apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MALDONADO, M. T. P. Psicologia da gravidez, parto e puerpério. Petrópolis, Vozes, 1976, 118 p.

MATOS, M. G. de; MAGALHAES, A. S. **Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos**. Pensando fam., Porto Alegre , v. 18, n. 1, p. 78-91, jun. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 abr. 2021

MAZZO, M. H. S. da N; SANTOS, F. A. P. S. dos; BRITO, R. S. de. **Sentimentos vivenciados por puérperas durante o pós-parto**. Revista de Enfermagem UFPE on line, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 858-863, jan. 2015. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10410>. Acesso em: 19 abr. 2021. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v9i2a10410p858-863-2015>

MOURA, S. M; S. de; ARAUJO, M. F. **A maternidade na história e a história dos cuidados maternos**. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 24, n. 1, p. 44-55, Mar. 2004 . disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000100006&lng=en&nrm=iso. acesso em 28 abril 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100006>.

SILVA, E. T.; BOTTI, N. C. L. **Depressão puerperal: uma revisão de literatura.** Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiás, v. 7, n. 2, p. 231-238, 2005.

| **SOUZA**~~euza~~, L. K., & Hutz, C. (2008a). **Relacionamentos pessoais e sociais: Amizade em adultos.** Psicologia em Estudo, 13(2), 257-265.

STASEVSKAS, K. O. **Ser mãe: Narrativas de hoje.** 1999. 168 F. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br/teses. Acesso em 31 de março de 2021.

STRAPASSON, M.R, NEDEL, M.N.B. **Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade.** Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre (RS) 2010 set;31(3):521-8. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/KQydgDyHVrKHWMQDfTDmfFJ/?lang=pt&format=pdf>